

Comendador Luís Cavalcante Sucupira

FRANCISCO DE ASSIS ARRUDA FURTADO (*)

O INSTITUTO DO CEARÁ (Histórico, Geográfico, Antropológico), depois da missa que foi celebrada em sufrágio da boníssima alma de Luís Cavalcante Sucupira, vem prestar-lhe a sua homenagem póstuma, fazendo eco, mesmo, à voz comum dos cearenses, que todos proclamam os seus altos merecimentos.

Sabemos que a sua modéstia era imensa, modéstia que nasceu com ele, como traço marcante de sua personalidade, mas também cresceu, dia após dia, pelo cultivo da virtude da humildade, humildade que nele era sincera, natural, consciente, sem nenhum laivo de falsidade.

A evidência da virtude não se pode nem se deve esconder. Daí o ter dito Jesus Cristo, no Sermão da Montanha, segundo a reprodução de São Mateus: "Não pode ocultar-se uma cidade assente sobre um monte. Nem se acende uma candeia para se colocar debaixo do módio, mas, sim, sobre o candelabro e assim alumia a quantos estão na casa".

Por outro lado, é de se relembrar o seguinte passo do mesmo Evangelho, em que Cristo acrescenta: "Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus".

A glorificação, no melhor sentido cristão e católico, é para Deus, pois, na expressão do autor sagrado, todo dom excelente e toda dádiva perfeita vêm do alto, procedente do Pai das Luzes. Mas é justo louvar a quantos, como Luís Sucupira, souberam receber esses dons e, mais ainda, souberam multiplicar os talentos, como o servo bom e diligente.

Suas origens, vamos encontrá-las nas estripes Cavalcante e Ferreira Lima, esta cognominada Sucupira pelo nacionalismo dos

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

empolgados pelo ideal republicano de 1817 a 1824. Ambas as famílias, ligadas à História de Portugal e do Brasil, e radicadas no Ceará desde quando se deu a intensa penetração do nosso território.

Formado, segundo a pedagogia cristã das antigas linhagens, desenvolveu pelo esforço próprio, pelo estudo, pelo trabalho, a personalidade de escol que se manifestava, vigorosa, nos seus vários aspectos: o intelectual livre e consciente; o político só orientado por normas éticas; o administrador apegado ao cumprimento do dever; o professor que ilustrava qualquer cátedra; o jornalista combativo, mas sempre veraz; o católico de fé muitíssimo esclarecida e de perfeita fidelidade à sua confissão religiosa; o pai de família que é exemplo dos mais raros à sua numerosa descendência; o cidadão que honrava, pelo seu excepcional sistema de vida, a sociedade e a Pátria.

Intelectual, sem preconceitos, e que nunca porfiou por um título universitário, servidor corajoso da Verdade, pouco se importava que muitos se deixassem arrastar por argumentos de autoridade. Tal como Farias Brito, teve a independência intelectual de rejeitar idéias falsas, mesmo que emanassem de pensadores de fama. A ele só interessava o serviço da verdade.

Inteligência multiforme, tanto brilhava na crítica literária como na seara da Sociologia, e mesmo da Economia Política, sobre a qual publicou valioso compêndio.

No ensaio historiográfico, deu-nos a biografia de Frederico Ozannan, o grande intelectual francês e apóstolo da caridade, e outros trabalhos, e é pena que as suas incursões pela poesia, afora o livro "Equatoriais", não viessem à luz da publicidade, para o nosso deleite.

No campo mesmo dos estudos teológicos, em aulas e conferências, sempre revelou não somente a perícia como a prudência de seguro pesquisador.

Se o jornalismo, o serviço público e o magistério não o tivessem absorvido tanto, teria tido meios para escrever e publicar muitos livros, obra densa e útil, na qual poderia ter compendiado a grande cultura que acumulara.

Mesmo assim, com bagagem literária dispersa, porém sólida e de valor, foi levado à Academia Cearense de Letras e trazido a esta

Casa, o Instituto do Ceará, dado que as duas mais expressivas entidades da cultura cearense não poderiam dispensar a sua colaboração.

Ingressou na atividade partidária, impulsionado tão só pelo interesse de sua filosofia política, mas, depois do golpe de Estado de 1937, deu por finda a sua missão. Naquela fase, eleito deputado federal pelo Ceará, prestou inestimáveis serviços à Constituinte de 1934, cooperando no ordenamento jurídico da Nação. A Carta de 34, nos aspectos em que se afastou do agnosticismo importado do constituinte de 91, e na procura de ajustar o Pacto Político Fundamental à realidade brasileira, foi obra sua, em conjunto com uma plêiade de legisladores constituintes.

Depois, já na década de 40, mercê dos seus conhecimentos e de sua honradez, foi nomeado Secretário da Fazenda e, nesse período, exerceu, por pouco tempo, a suprema magistratura do Estado.

Na administração pública, dentre outros cargos e comissões de relevo, esteve, por muitos anos na espinhosa e importante função de Inspetor da Alfândega de Fortaleza, servindo à Nação, naquele posto, como poucos o fizeram.

Pai de família, os seus numerosos descendentes receberam dele, além da boa formação que lhes incutiu, receberam o exemplo de um homem que não ajuntou bens materiais, o que poderia ter feito, se fora ambicioso, mas cuja vida foi um exercício continuado de raras virtudes, cabendo aos seus filhos e netos o lícito orgulho de tão honrada e excepcional progenitura.

Por muitos lustros, enquanto não se destroçou a sua tribuna predileta, o jornal, arrojado pelo turbilhão que varreu a Cristandade, após o pontificado de Pio XII, esteve ele, diariamente, em três secções de "O Nordeste", a produzir uma obra jornalística de subido valor, só possível à fecundidade de sua pena e à sua prodigiosa capacidade de trabalho. Como continuou depois, com ardor de cruzado, em pequeno jornal do interior, "A Verdade", de Baturité, a sua catequese luminosa, não deixando passar, sem reparo, os desvios doutrinários destes tempos de tamanha irresponsabilidade quanto à inteireza e limpidez do sagrado Depósito confiado aos sucessores dos Apóstolos.

Como líder católico, Luís Sucupira atuou, intensamente, naquelas instituições auxiliares da Igreja, instituições também infelizmente destruídas, ressaltada a sua querida Sociedade de São Vicente de Paulo, cujo trabalho apostólico, quase anônimo, fê-la escapar da onda destruidora.

Consciente de suas responsabilidades de leigo, interessado, portanto na ordem eclesial, e usando de direito legítimo que lhe era assegurado pela mais vetusta tradição legal, e por documentos do próprio Concílio Vaticano II, não se furtou a subscrever manifesto do laicato católico cearense, datado de 9 de agosto de 1968, clamando pelo restabelecimento da antiga disciplina doutrinal e litúrgica. É que, na sua humildade, à imitação de São Francisco, terceiro franciscano que era, e na tranquilidade de cristão muito sereno e imperturbável na sua Fé, era capaz de pronunciar um "*Non licet*", se isso fosse necessário à paz de sua consciência e à pureza da ortodoxia que abraçara.

A esse homem raro, a esse falecido consócio de grandes merecimentos, o Instituto do Ceará outorgou a sua mais alta comenda: a medalha Barão de Studart.

Sabemos que a sua simplicidade, verdadeira, autêntica no seu modo de ser transparecia, sem nenhum intuito subalterno.

Quem não se lembra de Sucupira, na década de 40, mesmo com as responsabilidades de Governador do Estado, pedalando a sua bicicleta, indiferente às honras do cargo?

Quem dele não se lembra, na Fortaleza de trânsito pacato, viajando nesse simplório veículo, de casa para o jornal, ou para a Alfândega?

Quem não sabe que ele, deputado federal dos mais ilustres, deixava a Câmara Federal, no fim do expediente, ia à padaria e de lá saía sobraçando pacotes de pães no rumo de casa?

A homem assim, incapaz de tomar os primeiros lugares, infenso às honrarias, ao poder e às riquezas, os seus conterrâneos, mais de uma vez, proclamaram o seu valor.

Em reconhecimento a tudo isso, recebeu a Sereia de Ouro, troféu que se reserva a notáveis personalidades.

Antes disso, era o próprio Papa, Sua Santidade Pio XII, quem o inscrevia como Cavaleiro da Ordem de São Gregório Magno, no grau de Comendador.

Quando na década de 40, tive a honra de ingressar na Associação Cearense de Imprensa, na qualidade de jornalista de “O Nordeste”, foi Luís Sucupira, então Presidente da A. C. I., quem assinou a minha carteira de identidade. Guardo, ciosamente, essa relíquia do grande mestre.

Nesta sessão, excelentíssimas, senhoras e meus senhores, o Instituto do Ceará, ao qual Luís Sucupira prestou inestimáveis serviços, rende preito à memória do saudoso consócio, ficando-nos a certeza de que, como reza a Escritura, a memória do justo será eterna.